

Escola de Jazz de Torres Vedras

A Oeste tudo de novo

FUNDADA E DIRIGIDA PELO SAXOFONISTA JOSÉ MENEZES, O LEMA DA EJTV É «APRENDER A FAZER, FAZENDO». MUITOS SÃO OS QUE A TÊM FREQUENTADO, PARA ASSIM TOMAR CONTACTO COM A LINGUAGEM DO JAZZ. FOMOS CONHECÊ-LA POR DENTRO.

/ texto **António Branco** fotografia **Olga Moreira** /

«A “invenção” de uma escola de jazz num meio rural sem tradição nessa área foi o início de um percurso muito trabalhoso mas estimulante, um exercício de teimosia e persistência», salienta José Menezes, fundador e director pedagógico da Escola de Jazz de Torres Vedras (EJTV). Nesta escola, orientada para o ensino da música improvisada, são também colocadas à disposição dos alunos disciplinas ensinadas em qualquer conservatório, bem como a cadeira de Iniciação Musical a partir dos 4 anos de idade.

Tudo começou quando José Menezes, procurando escapar com a família ao bulício quotidiano da capital, se decidiu a refugiar na pacatez de Torres Vedras, ainda assim a dois passos de Lisboa. O panorama do ensino musical com que então se deparou na região era «bastante reduzido, quer em quantidade quer em qualidade», assente sobretudo nas bandas filarmónicas, «com o respectivo método de aprendizagem de solfejo e prática de instrumento em moldes muito limitados». Ressalvando o importante «papel social» das filarmónicas, refere que «os seus métodos de ensino há muito que estão ultrapassados».

Antes da criação da EJTV, o panorama do jazz na região Oeste, e em Torres Vedras em particular, era quase nulo: «A presença do jazz limitava-se a um ou outro concerto raro num pequeno bar dirigido por um aficionado e um ou dois concertos anuais promovidos pela autarquia», recorda. Foi neste contexto que, em 2002, fundou a Escola de Jazz de Torres Vedras, com a noção de que seria também necessário «um grande esforço de dinamização em torno dela», esforço esse que tem vindo a ser desenvolvido em realizações paralelas, como «workshops», o festival TVedrasJazz, a Big Band do Oeste e o projecto pedagógico “O Jazz Vai à Escola», refere.

O saxofonista e director afirma que o objectivo central da escola é o de «proporcionar aos alunos um ensino de qualidade, seja a que nível for», complementado com a realização de outras actividades «que dinamizem o ambiente local no

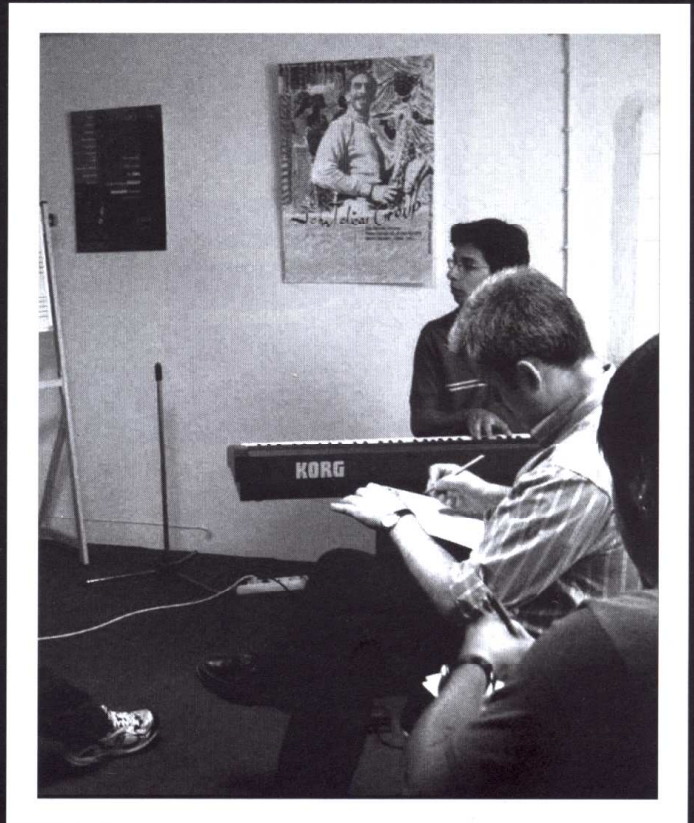
que à música diz respeito, dessa forma estimulando a escuta e a aprendizagem do jazz».

O valor acrescentado da EJTV para a região onde se encontra implementada é, na opinião do seu principal responsável, «a inovação na forma de ensinar e abordar a música, seja ela jazz ou não». Em seu entender, «o dinamismo e o poder de concretização que uma pequena escola como a nossa tem demonstrado numa zona que não é especialmente rica em propostas culturais no âmbito musical, poderão ser considerados uma mais-valia para a região Oeste».

A EJTV – frequentada actualmente por 42 alunos – pretende chegar, em primeiro lugar, a todos aqueles que desejem conhecer e estudar a linguagem do jazz – mas não só –, independentemente do seu nível de conhecimento. «Temos alunos dos 9 aos 78 anos e nem todos se interessam por jazz», afirma José Menezes. Para além do Curso de Jazz, a escola desenvolve programas “normais” do ensino oficial, pelo que tem gente «a estudar Bach ou Czerny ou a preparar-se para a admissão ao conservatório».

Tendo como valor fundamental a qualidade do ensino ministrado, a escola procura transmitir aos seus alunos um conjunto de valores que passa, acima de tudo, pela noção do que são «boas práticas musicais», mas também por «ajudar a ultrapassar preconceitos em relação a algumas formas artísticas», alargando o campo estilístico dos alunos «com os exemplos musicais escolhidos e com a atitude no dia-a-dia da escola», salienta. «É esta procura de liberdade artística que procuramos promover nos alunos, quer enquanto músicos quer como ouvintes. Ou, como diria Ellington, tentamos passar a mensagem de que, realmente, só há dois tipos de música: a boa e a má», reforça José Menezes.

Um dia típico na EJTV começa pelas actividades ditas “de secretaria” e de organização de aulas, que por sua vez têm lugar no período da tarde, entre as 14h30 e as 21h00. «O ponto alto da actividade do dia acontece geralmente pelas 18h00, já que as aulas são marcadas maioritariamente em



Escola de Jazz de Torres VedrasDirector pedagógico: **José Menezes**Número actual de alunos: **42**Número de professores: **12**

Carla Rocha (Formação Musical); **Sílvia Liliana** (Formação Musical e Piano Clássico); **Aurélian Lino** (Piano Jazz); **Johannes Krieger** (Trompete e Fliscórnio e Arranjo e Composição); **José Menezes** (Saxofone, Combo, Harmonia, Coordenação Pedagógica); **Peter Wheterhill** (Trombone); **Afonso Faria** (Guitarra); **Sertório Calado** (Bateria); **Hugo Antunes** (Contrabaixo/Baixo Eléctrico); **Teresa Cordeiro** (Formação Musical e Canto/Técnica Vocal); **João Maurílio** (Treino Auditivo); **Raul Vaz Bernardo** (História do Jazz)

Cursos:

Formação Musical
Instrumento (Saxofone, Trompete, Trombone, Guitarra, Violino, Acordeão, Bateria, Baixo Eléctrico / Contrabaixo, Canto)
Combo
Harmonia
Iniciação Musical

Preços:

[Consultar
www.escoladejazzdetorresvedras.com]

Horário:

Das 14h30 às 21h00 (de 2ª a 6ª-feira)

Contactos:

Morada: Rua Princesa Benedita, n.º 4 cave esq.,
2560-359 Torres Vedras
Telefone: 261 314 471
Telemóvel: 919 764 698
E-mail: ejtv@iol.pt

Para saber mais

www.escoladejazzdetorresvedras.com
www.ozjazzvaiaescola.com

FORWARD

horário pós-laboral. Neste ritmo de trabalho inclui-se um ou outro ensaio de grupos de alunos da escola», aponta Menezes.

Em termos de apoios para o seu funcionamento, a escola conta apenas com as propinas pagas pelos alunos. «Não temos nem nunca tivemos qualquer outro tipo de apoio», deixa claro José Menezes. Apesar de tudo, a EJTV tem obtido o reconhecimento não só das instituições regionais, como igualmente governamentais. «Tenho a noção de que a escola e as actividades que promove têm, por parte do Ministério da Cultura /Direcção-Geral das Artes, não só a simpatia mas também o reconhecimento do trabalho realizado», afirma. Esse reconhecimento traduziu-se, em 2006, no apoio à realização da segunda edição do festival TVedrasJazz, produto de uma parceria entre a EJTV e a Câmara Municipal de Torres Vedras, que reconheceu, desde o princípio, «a seriedade e a qualidade do projecto», apoiando e constituindo-se como parceira da escola em algumas iniciativas – não só o festival, mas também o projecto pedagógico “O Jazz Vai à Escola”.

Mas Menezes não deixa de reivindicar um apoio mais sistemático e duradouro por parte do município: «Gostaríamos de ter conseguido motivar a autarquia para um trabalho mais continuado e persistente no que respeita à produção de concertos de jazz na cidade. Se, por um lado, o poder local já compreendeu o potencial formativo do jazz junto dos mais novos, como música profundamente livre e democrática que é, ainda não percebeu quanto esta forma musical é cada vez mais importante para a vida cultural de uma comunidade e como, atrás de si, pode trazer – e traz – uma série de mais-valias culturais». «Noutras cidades, e noutros países, felizmente isso já acontece, mas não, ainda, em Torres Vedras», lamenta. E concretiza: «Depois do êxito do TVedrasJazz, no ano seguinte não foram dadas, por parte da autarquia torreense, as condições necessárias para a manutenção do nível de qualidade e dignidade do festival, pelo que optámos por não avançar com a sua realização, com perda significativa para a vida cultural da cidade, quer a nível artístico como a nível pedagógico.»

A EJTV dispõe de um corpo docente estável, constituído por 12 professores. «Se em algumas disciplinas temos professores que estão connosco desde o primeiro ano, por outras têm passado vários. Temos procurado que os nossos docentes sejam músicos activos cujas música e carreira possam incentivar e motivar os alunos a estudar, a ouvir e a apreciar o jazz», elucida.

E para onde vão os alunos depois de passarem pela EJTV? «Muitos dos nossos alunos procuram a escola com o intuito de se prepararem para uma entrada na licenciatura em jazz da ESMAE, o que em alguns casos tem acontecido», diz, visivelmente orgulhoso. Outros têm criado as suas próprias formações e tomado um rumo próprio, que a escola, «na medida do possível», tem procurado ajudar, seja «facilitando um local de ensaios, divulgando o seu trabalho ou propondo o seu nome para ciclos e eventos relacionados com o jazz».

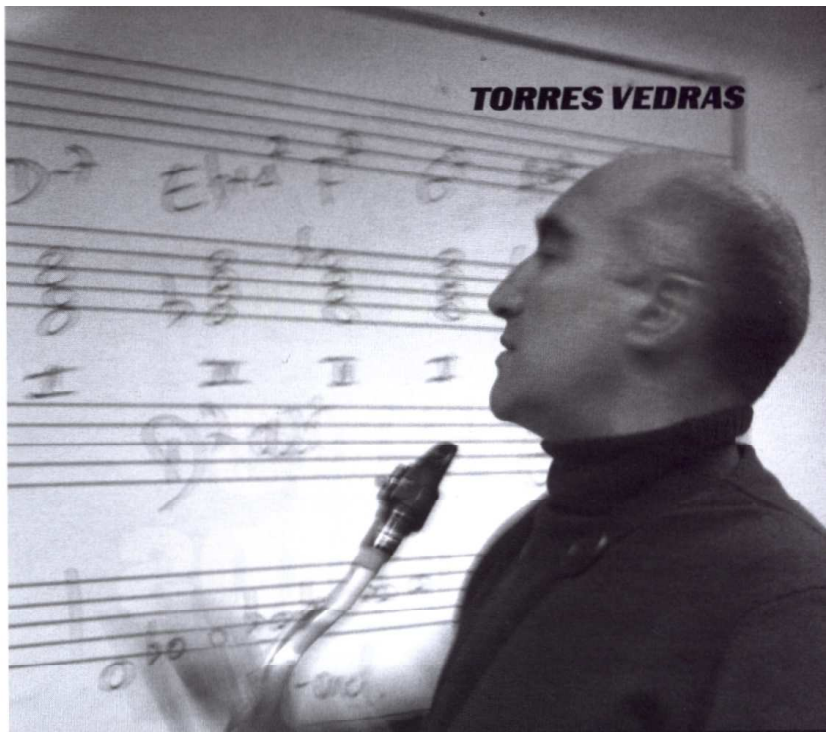
Em torno da escola gravitam outros projectos, como os já citados festival TVedrasJazz, a Big Band do Oeste, “O Jazz Vai à Escola” e a «organização de “jam sessions” e “workshops”», que constituem, nas palavras de José Menezes, «a “malha” em que a EJTV ganha significado e razão de ser». Apesar de todas estas iniciativas, é da opinião de que ainda não existe uma “cena” jazzística na região. O desenvolvimento na área do turismo não tem sido acompanhado – em seu entender – por produtos culturais de qualidade. O problema está na «ausência continuada e preocupante de públicos para os eventos culturais, sendo urgente um trabalho aturado e persistente de criação de públicos culturais na região», sustenta.

José Menezes encara o surgimento de diversas escolas de jazz pelo País fora como algo bastante positivo: «Acho muito necessário o aparecimento de mais escolas de jazz, especialmente de nível secundário. A constituição de novas licenciaturas nesta área poderá vir a fragmentar uma população já de si reduzida, mas é um risco que, inevitavelmente, terá de ser corrido», opina. Mas haverá espaço para todas? A resposta não se faz esperar: «Os critérios de qualidade pedagógica e criatividade encarregar-se-ão de, no futuro, nos dizer se há ou não espaço para todas elas.»

É sabido que a formação na área musical, em particular no jazz, é um dos grandes “cavalos de batalha” de José Menezes, que continua a dedicar diariamente grande parte da sua energia a aperfeiçoar as suas competências como músico e professor, aprofundando a compreensão dos mecanismos da improvisação. «O mestrado que actualmente frequento na Universidade de Sheffield, em Inglaterra, é uma óptima oportunidade para aprofundar conhecimentos». «Digamos que ensinar outros e aprender, eu próprio, sempre foram os dois lados da minha “moeda”», afirma.

Para o director pedagógico da EJTV, o que falta ao ensino do jazz em Portugal é «estruturar-se». Faz notar que, não obstante existir uma licenciatura de jazz em Portugal (na ESMAE, Porto), «não existe qualquer curso de nível secundário nesta área». Apesar da existência de cursos livres de jazz, «em nenhum caso existe o reconhecimento por parte do Ministério da Educação desses cursos». Estando o jazz afastado do ensino oficial, «quem o quiser estudar tem de recorrer a escolas particulares ou, ainda mais dispendioso, ir para fora do País, poucos dispendo dessa possibilidade».

«Para aceder ao ensino superior de jazz o nível de exigência e de qualidade no ensino superior terá de descer, como já se vem notando. Esta situação poderá vir a agravar-se com o arranque de novas licenciaturas», afirma. Para Menezes, «a abertura, dentro de dois anos, do pólo ibérico do Berklee College of Music, mesmo aqui a dois passos, terá um grande impacto no nosso meio pedagógico. Falta saber se positivo ou negativo», diz. E lança um repto aos responsáveis governamentais por esta área: «Urgente, muito urgente mesmo, é o reconhecimento do Curso de Jazz ao nível secundário nos conservatórios, nas escolas com paralelismo pedagógico e nas escolas de jazz». //



O Jazz Vai Escola

O projecto pedagógico “O Jazz Vai à Escola” envolveu, até ao momento, cerca de 7300 alunos, do básico ao secundário. Segundo José Menezes, surgiu da necessidade que sentiu «em relacionar o jazz e a improvisação com os aspectos sociais, humanos e políticos da sua prática». Para o músico e dinamizador, «se reflectirmos nos mecanismos de funcionamento de um grupo de jazz, é fácil concluir o enorme potencial formativo que esta música encerra, não só no plano estritamente musical mas também no da formação cívica e democrática».

A ideia central passa por falar de direitos humanos, escravatura, liberdade de expressão ou censura através do jazz e da sua história. «Ao mesmo tempo que falamos destas coisas, de uma forma divertida, mas sem nunca infantilizar as crianças, colocamo-las em contacto com nomes fundamentais da história do século XX como Parker, Coltrane, Gillespie, Luther King ou Rosa Parks», refere.

Sem conseguir precisar o número total de pessoas envolvidas no projecto, nele se incluem «um quinteto de jazz, técnicos das autarquias que apostaram no projecto – Torres Vedras e Lourinhã – e professores dos agrupamentos de escolas respectivos». As sessões “O Jazz Vai à Escola” têm vindo a proporcionar aos alunos que «conheçam os instrumentos e a sua história, pormenores sobre o funcionamento de um grupo de jazz, para que serve o silêncio ou quais são os episódios da viagem que cada solo encerra», além de os colocar em contacto com «a história do jazz e as suas figuras mais importantes», enquadrando-as «no contexto social da época de que se fala», salienta. No âmbito deste projecto são desenvolvidos trabalhos nos quais os alunos relacionam o jazz com a matéria leccionada nas disciplinas de Inglês, Formação Musical, Português e Matemática.

José Menezes faz um balanço «extremamente positivo» da iniciativa. «Se este processo não for estruturado cuidadosamente pode ser pior “a emenda que o soneto”», afirma a propósito de se tratar de uma área muito sensível, que promove os primeiros contactos das crianças com o jazz. «Espero que tal aconteça por muito mais tempo e em muitos outros locais.»